

CAPÍTULO VII

CONSAGRAÇÃO DE VIVOS E MORTOS. FIGURAS DO PASSADO E DO PRESENTE.

Como este trabalho é escrito para uso escolar não permite grandes divagações ou profundas indagações.

Entretanto ha certos problemas que requerem esclarecimentos e ao escrever este capítulo sou obrigado a oferecer à mocidade alguns pontos de vista que julgo salutares.

Ha, ultimamente, séria tendência em evitar consagrações de figuras vivas. Por quê? A única explicação que encontramos é o temor de que essas figuras antes cheias de benemerência se transformem da noite para o dia num sub-produto humano capaz de envergonhar a espécie por atos degradantes e condenáveis. Não concordo com isso tudo. A percentagem de homens que se corrompe é mínima em relação àqueles que atravessam a vida produzindo o bem e conservando a mesma linha de dignidade e nobreza.

Acredito muito no inverso: ha pessoas que começam mal e acabam perfeitas . . .

É preciso acreditar de verdade na existência de gente boa.

Conheci um professor que se horrorisava com os alunos excessivamente dedicados: iam constituir, vida a fóra, a grande maioria dos medíocres que povoam o mundo. Ao contrário, os gênios, os inovadores, os capazes de criar e produzir algo diferente e grandioso, além do ramerrão diário e chato dos repetidores, são constituídos de rebeldes que não raro remam contra a corrente. Porisso ninguém deve antecipar julgamentos e temer do futuro...

Consagrar apenas os antepassados, depois de balanceada a vida dêles e suavizadas algumas arestas, é uma espécie de temor de alma do outro mundo, ou ciúmeira inconfessável.

Precisamos aceitar e honrar também os vivos, os que estão ao nosso lado, trabalhando e sofrendo, construindo e recebendo a paga da opinião e do reconhecimento.

Por essas razões acima, mesmo fóra do programa oficial, pretendo apontar às crianças de Itápolis alguns dos que mais se destacam entre mortos e vivos.

Entre os padres tivemos dois: Salvador Taralo e Manoel Borges Pereira que tudo fizeram pela vida espiritual de suas ovelhas. Em nossos dias tivemos Frei Eljas Hüppe, que se mais não tivesse feito bastava o levantamento do Convento Franciscano, realizado da noite para o dia, como se fosse um milagre bíblico de dedicação e fé:

“... et si mihi non vultis crederi, operibus credite. (1)

Relativamente aos políticos tivemos Antonio Florêncio da Silva Terra, José Rossi, Dr. João Carlos Ferraro, Aurélio Civatti, Dr. Antonio de Azevedo Silva, José Belarmino Fernandes, Francisco Nogueira Porto, José Teodoro do Amaral Filho, Eugênio de Paula Bueno Brandão, Odilon Negrão e Valentim Gentil. Todos sustentaram grandes lutas e muito fizeram pelo povo e instituições. São figuras legítimas que honram o município. Na vida de cada um ha acidentes vários que requerem volumes para uma análise justa e ampla. E a começar do primeiro, a atuação desses homens abrange um período de mais de meio século, que veio culminar em Valentim Gentil nos tempos em que vivemos.

Relativamente aos intelectuais devemos referir, entre outros, os que militaram e militam na imprensa, na tribuna, no magistério e no mundo das letras. São êles Bernardino Pinheiro Torres, Dr. João Baptista de Medeiros, Dr. Elias Ferreira Bedé, Odilon Negrão, Dr. Jaime Lessa, Dr. Nicolau Pero, Dr. Alípio Leite Junior, Pero Neto, Leão Machado, Dr. Sergio Gomes, Dr. Marinho Rosa, João Ramaciotti, Léo Vaz, Dr. Percival de Oliveira, Danton Jobim, Dr. Mario Aguiar, Valentim Gentil e Dr. Arnaldo Maradei.

* * *

E assim, finalizo e entrego este trabalho aos pequenos pedrenses, para que êles saibam alguma coisa a respeito desta terra, desde os primeiros bandeirantes que revelaram nossos sertões, passando pelo fundador da cidade que recebeu a homenagem de um obelisco na praça do seu nome, até o momento em que vivemos cheio de realidade e de promessas.

São poucas linhas onde encontraremos motivos de querer inda mais este pedaço da pátria brasileira. O patriotismo começa no município.

(1) São João X, v. 37 a 39.